

## DALVA

Foi no barbeiro. Chegou um rapaz que cumprimentou efusivamente o freguês da cadeira ao meu lado.

— Há quanto tempo!

E começou a perguntar por amigos comuns, pelos negócios, pela vida.

— E a Dalva, ainda está lá com você?

— Não. A Dalva agora tem um escritório dela mesma. Está muito bem.

— Que é que ela faz?

— Ela... empurra papel na Cexim.

Não há dúvida: Marx simplificava demasiado as coisas, falando em proletariado e burguesia. No Rio as classes são muito mais numerosas, e as profissões surgem do dia para a noite. Não sei se já existe um Sindicato de Empurradores de Papel: mas a profissão existe, pois a Dalva a exerce e está muito bem. Aliás fui informado, pelo resto da conversa, de que a Dalva é uma boa pequena, muito inteligente e correta, e que sabe se defender.

Mas sempre imagino que São Pedro, que não acompanha de perto a vida carioca, ficará um pouco perplexo, quando a Dalva lhe aparecer e ele perguntar:

— Que é que você fazia lá em baixo, minha filha?

E ouvir:

— Eu empurrava papel.

É por isso que o Brasil não progride, dirá um pessimista. Tolice. É graças a isso que o Brasil vai para a frente. Nossa vida é toda feita através de papéis, e na Cexim cada papel é apresentado em várias vias. Se não houver alguém para empurrar esses papéis todos, a vida nacional fica paralisada. Não exportamos nem importamos.

Dalva é uma heroína obscura do momento nacional. Se o sr. Getúlio Vargas tivesse mais imaginação, mandaria escrever seu nome no Livro do Mérito, com esta singela e única explicação: "ela empurra papel". — E... 74/3/58